

OCORRÊNCIA DE BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DO DISTRITO FEDERAL

Daiane Lopes Bomfim

Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Carmen Sílvia Grubert Campbell

Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

José Fernando Vila Nova de Moraes

Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Artur Martins Franco

Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Verusca Najara de Carvalho Cunha

Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Nanci Maria de França

Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Sandra Mara Bessa Ferreira

Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Resumo

O bullying representa o uso da superioridade física, intelectual ou financeira para humilhar outra pessoa. O objetivo deste trabalho foi investigar a existência e sob que forma o bullying ocorre nas aulas de educação física em uma escola do Distrito Federal. Para isso, participaram do estudo 140 alunos da 7ª e 8ª séries de uma escola da cidade do Guará – DF. Os participantes responderam a um questionário a respeito da ocorrência de maus-tratos nas aulas de educação física. Aproximadamente 28,0% dos alunos já se sentiram maltratados por colegas. Neste sentido, as aulas de educação física podem ser utilizadas promover atividades que visem à integração dos alunos, evitando ressaltar as qualidades e defeitos que possam resultar em agressões a outros, sejam elas verbais ou físicas.

Palavras-chave: Bullying. Educação Física Escolar. Violência na Escola.

Introdução

A palavra bullying, de origem inglesa, é derivada do termo bully, que significa um indivíduo valente/intimidador, e representa o

uso da superioridade física, intelectual ou financeira para humilhar, ridicularizar ou violentar, com atitudes agressivas, uma pessoa, causando uma sensação de tristeza, sofrimento e desprezo (LIMA, 2004). O interesse em pesquisar o bullying surgiu na década de 90, pelo pesquisador norueguês Dan Olweus, que acreditava que este fenômeno poderia ser causa de tentativas de suicídio entre os jovens.

Apesar de parecer uma novidade, devido à recente ênfase dada por sociólogos, psicólogos e pela sociedade de geral, o bullying sempre existiu nas escolas, cursos complementares, ambiente de trabalho e em outros locais que propiciam a formação de grupos de pessoas que se julgam superiores a outras (CARVALHOSA E MATOS, 2005; GUIMARÃES, 2008; OLWEUS, 1993). As pessoas que sofrem maus-tratos geralmente possuem alguma característica física, emocional ou comportamental que o torna mais vulnerável às ações dos agressores (ANTUNES E ZUIN, 2008; LAMB et al., 2009; NETO, 2005).

As vítimas do bullying normalmente possuem baixa autoestima, sofrem de depressão, têm dificuldades no aprendizado, se estressam facilmente e apresentam uma tendência a desenvolver sentimentos de vingança e até mesmo de suicídio (WAL et al., 2003). Em contrapartida, os praticantes do bullying usualmente não possuem uma boa estrutura familiar, têm péssimo rendimento escolar e possivelmente já cometeram algum tipo de delito (FANTE, 2005). Além disso, podem desenvolver o sentimento de prazer em causar mal aos outros e utilizar-se deste durante o decorrer da vida (NOGUEIRA E CHEDID, 2003).

Fante (2005) relata que o bullying acontece em todas as escolas, e sua presença ocorre independentemente do turno escolar, área de localização (urbana ou rural), tamanho da escola ou da cidade, série cursada e natureza da escola (pública ou privada). Entretanto, onde há interação entre pessoas, pode haver a prática do bullying.

Nas aulas de educação física escolar, a interação entre os alunos é indispensável e ocorre de maneira singular, pois a disciplina exige que o aluno utilize sua capacidade psicomotora e cognitiva para a realização das atividades propostas. Desta forma, os alunos com menos habilidade são facilmente identificados e tornam-se mais vulneráveis a perseguições, agressões, intimidações, discriminações, exclusões das atividades e comentários maldosos.

Com base nestes pressupostos, o presente estudo teve como objeti-

vo investigar a existência e sob que forma o bullying ocorre nas aulas de educação física em uma escola do Distrito Federal.

Metodologia

Participaram do estudo 140 alunos (79 meninos e 61 meninas) da 7ª e 8ª séries do ensino fundamental de uma escola da cidade do Guará – DF. Este número de estudantes representa a totalidade de alunos matriculados nas referidas séries desta escola.

O instrumento de pesquisa utilizado foi o “Questionário sobre bullying – Modelo Training Mobility and Research (TMR)”, adaptado por Ortega et al. (2000) a partir do original de Dan Olweus (1986). Tal instrumento é composto de vinte e uma questões fechadas que contemplam os seguintes aspectos: identificação (a partir de sexo, apenas); sobre ser maltratado por outros nas aulas de educação física; sobre os maus-tratos vistos durante as aulas de educação física; e sobre maltratar outros nas aulas de educação física.

A aplicação do questionário foi realizada no mês de abril de 2006, dentro das salas de aula, no turno matutino, tendo sido aplicado pelos próprios pesquisadores, simultaneamente em todas as turmas. Após prévia explicação acerca do instrumento, o questionário, em formulário próprio, por escrito, foi entregue aos estudantes que os leram e responderam.

A análise descritiva dos resultados foi realizada por meio do programa Microsoft Excel versão 2007 (Microsoft®, Washington, Estados Unidos).

Resultados

Dos 140 alunos que responderam aos questionários, aproximadamente 73,0% afirmaram não terem sofrido maus-tratos nas aulas de educação física no último ano (figuras 1 – 5).

A frequência em que ocorreram os diferentes tipos de bullying foi semelhante, com 3,7% dos alunos relatando exclusão social; 3% ameaças, agressão verbal em jogos e agressão racial; 2,1% agressão física; 1,5% boatos e intrigas e 1,4% exclusão do time (figura 1).

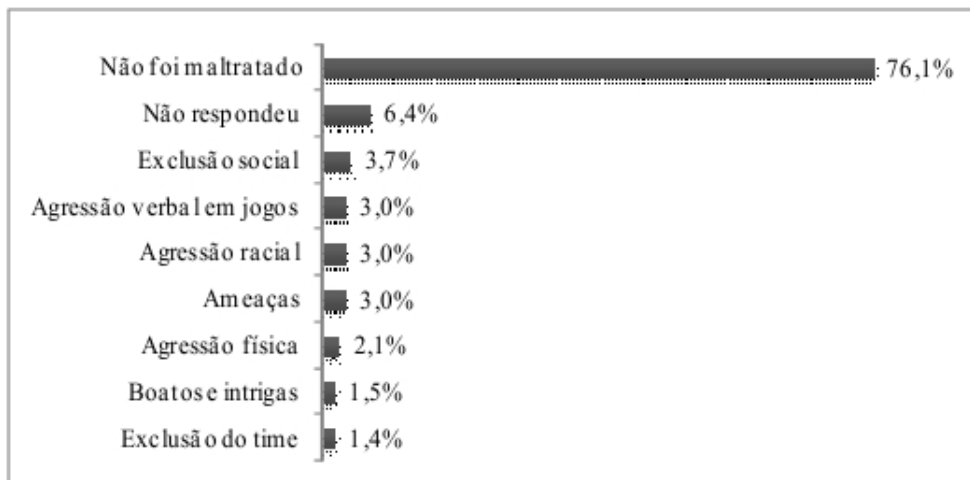


Figura 1: De que maneira você tem sido maltratado desde o ano passado?

A figura 2 ilustra os sentimentos negativos que envolvem os indivíduos que sofrem o bullying. Apenas 7,1% indicam não sentir nada, 15,8% sentem-se mal, tristes ou indefesos e 7,1% revelam preocupação com a opinião dos colegas para com a sua pessoa.

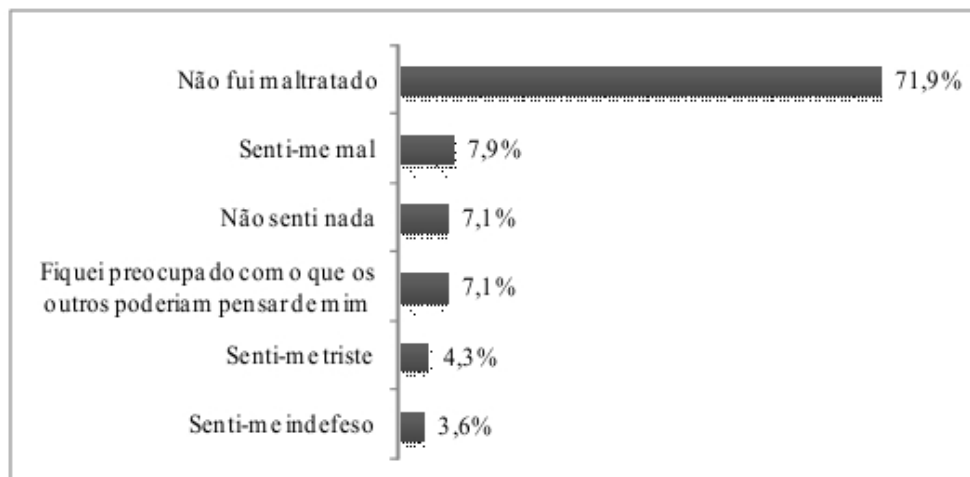


Figura 2: Como você se sentiu quando outros colegas o maltrataram desde o ano passado?

As figuras 3 e 4 analisam tanto as reações dos alunos ao serem vítimas, quanto à capacidade dos mesmos de se encorajar e buscar auxílio de pessoas que possam resolver o problema. Constatou-se que apenas 2,1% do total de entrevistados procuraram o auxílio de um adulto; 1,4% recorreram aos pais e 5,8% tentaram se defender de alguma maneira.

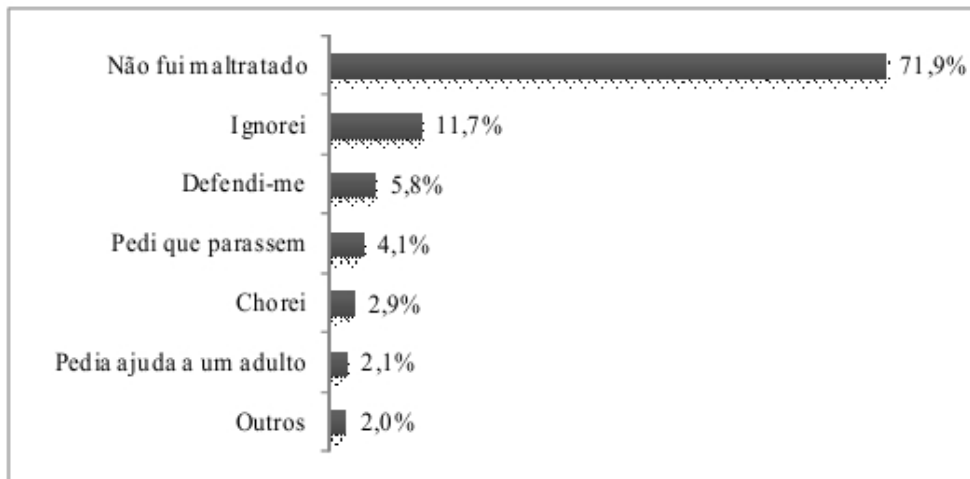


Figura 3: O que você fez quando foi maltratado desde o ano passado?



Figura 4: Você contou a alguém que foi maltratado desde o ano passado?

Quanto à tentativa dos colegas de impedir os maus-tratos presenciados, 10% das vítimas afirmaram que os colegas nada tentaram e 5,4% afirmam que aqueles que tentaram não obtiveram êxito. Dos que tentaram, 4,6% conseguiram impedir a continuidade do problema (figura 5).

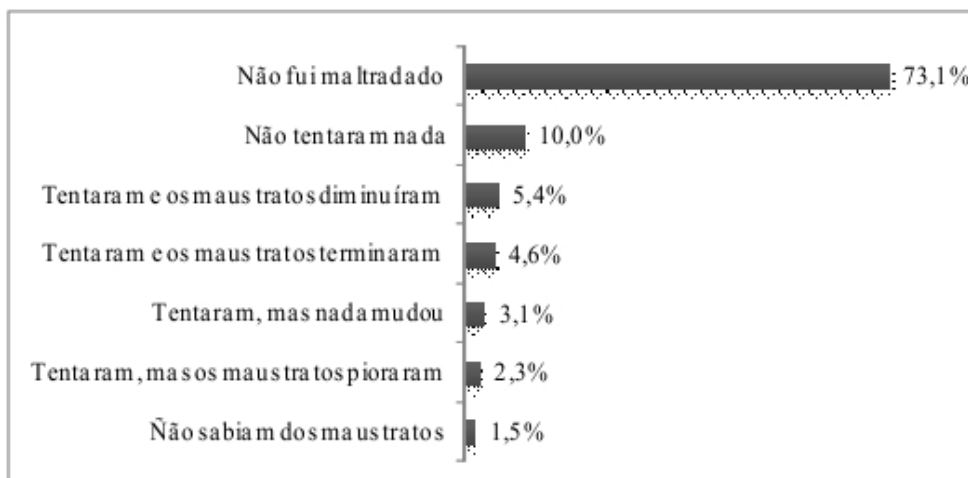


Figura 5: Alguns dos seus colegas tentou impedir que o maltratassem desde o ano passado?

As figuras 6 e 7 exibem os resultados enquanto os alunos estão na posição de observadores do bullying. Neste sentido, os estudantes mostraram solidariedade com as vítimas, sendo que 4,3% sentiram-se tristes, 18,3% sentiram-se mal, 27,6% sentiram pena da vítima, 16% afirmaram diretamente que têm medo que o problema ocorra consigo mesmo e 8,1% fingiram não ver o que acontece (figura 6).

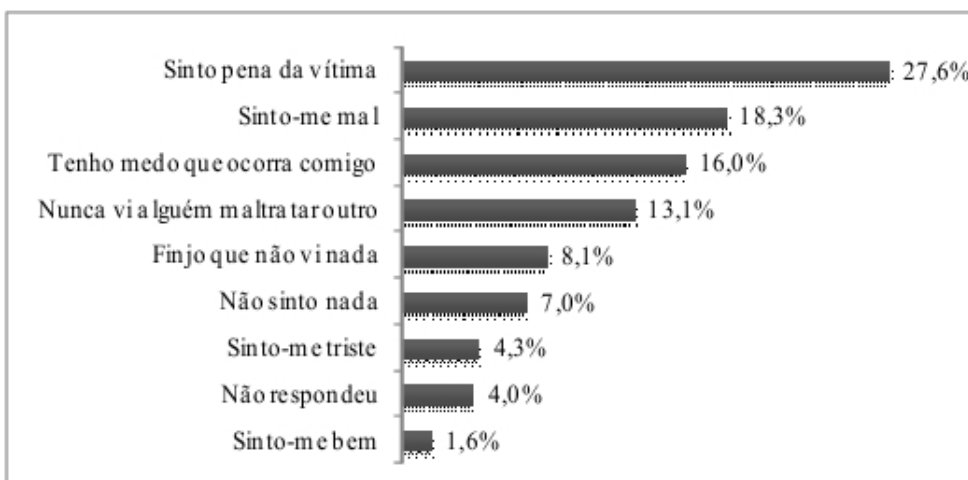


Figura 6: Como você se sente quando vê algum dos seus colegas maltratarem os outros?

Ao serem perguntados a respeito das suas opiniões sobre os motivos que levam os agressores a vitimarem alguém, notou-se que 30,4% dos estudantes não sabiam o motivo, 22,8% pensavam que as vítimas mereciam castigo, 16,8% relataram que os agressores são mais fortes, por isso agredem os outros, 13,7% citaram o fato de a vítima ser diferente dos demais e 15,3% acham que os agressores são provocados ou agredem por brincadeira (Figura 7).

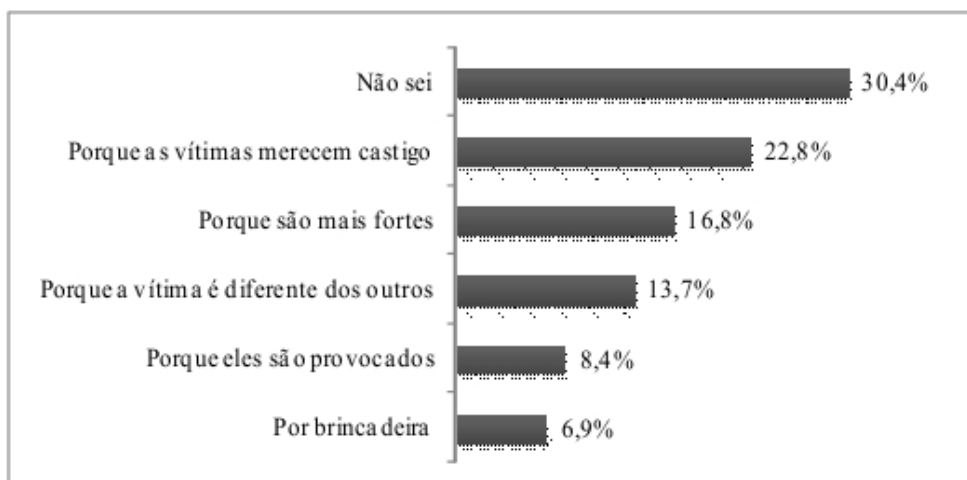


Figura 7: Por que você acha que alguns colegas maltratam os outros?

As figuras 8 e 9 ilustram os resultados enquanto os alunos estão na condição de agressores. Assim, foi possível observar que mais de 70% dos estudantes não participaram das humilhações aos colegas. Porém, 19,5% relatam ter agredido um colega uma ou duas vezes no último ano e 4,5% demonstram praticar o bullying semanalmente (figura 8). Além disso, dos 27,2% que agredem os colegas, a maioria relatou terem tido auxílio de colegas (figura 9).

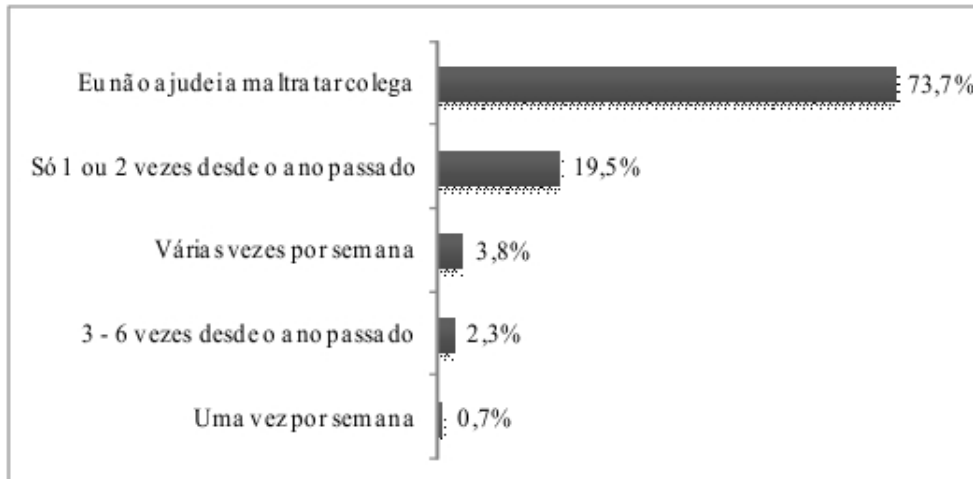


Figura 8: Quantas vezes você ajudou a maltratar outros colegas nas aulas de Educação Física desde o ano passado?

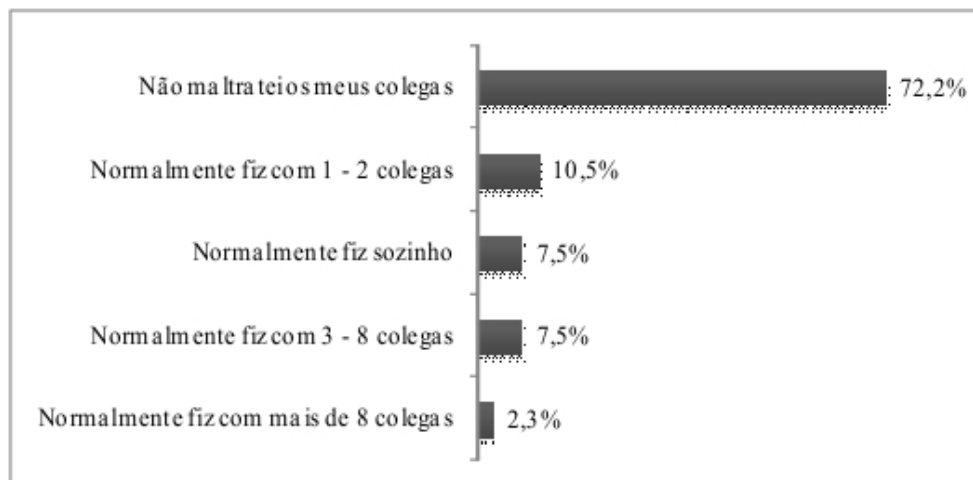


Figura 9: Quando maltratou outros colegas, normalmente fez sozinho ou acompanhado de outros colegas?

Discussão

Os resultados do presente estudo revelaram que aproximadamente 28% dos alunos já se sentiram maltratados por colegas. Destes, 5,8% se defenderam, 4,1% imploraram para que os maus-tratos fossem interrompidos, 2,9% choraram, 2,1% pediram ajuda a um adulto e 11,7% ignoraram os maus-tratos. Além disso, 15,8% dos alunos maltratados contaram o ocorrido à outra pessoa e 12,2% não revelaram o episódio a ninguém. Em relação aos colegas das vítimas, o trabalho

atual retratou que 40,2% se solidarizaram, 16,0% tiveram medo que o fato ocorresse com ele próprio, 8,1% fingiram não ver o acontecido, 7,0% não sentiram nada e 1,6% se sentiram bem com o ocorrido.

No que se refere à prática do bullying, o presente artigo demonstrou que 30,4% não sabem por que os colegas maltratam outros, 19,5% já ajudaram outros colegas com os maus-tratos e 18,5% dos que já praticaram estes maus-tratos agiram com ajuda de até oito amigos.

A literatura apresenta dados que corroboram com os achados do presente trabalho. Palácios e Rego (2006), estudando adolescentes de 5ª a 8ª série, constataram que 16,9% foram alvos de bullying, 10,9% foram alvos e/ou autores, e 12,7% autores de maus-tratos a colegas. Grossi e Santos (2009) relataram que apenas 30% dos adolescentes estudados não estavam envolvidos com bullying. Os autores ainda ressaltaram que a maioria das situações envolve xingamentos, discussões, fofocas, ameaças e apelidos pejorativos. Fante (2005) encontrou uma prevalência de 67% de envolvimento com bullying por parte de adolescentes entre 12 e 14 anos.

Pesquisas internacionais também têm abordado o assunto. Craig et al. (2009) verificaram, em adolescentes de 40 países, que 10,7% dos adolescentes tinham comportamentos agressivos, 12,6% eram vítimas e 3,6% desempenhavam os dois papéis. Analitis et al. (2009) encontraram uma prevalência de 20,6% de crianças e adolescentes maltratados em 11 países europeus. Na Venezuela, estudos revelaram que 3,15% dos adolescentes foram maltratados nos últimos 30 dias e 31,2% estiveram envolvidos em brigas no último ano. Resultados semelhantes foram relatados em adolescentes colombianos (MUULA et al., 2009; CEPEDA-CUERVO et al., 2008).

Mesmo estando caracterizada a ocorrência de bullying em diversas situações dentro da escola, é imprescindível que seja discutido que intervenções podem ser realizadas para evitar a ocorrência de maus-tratos entre os alunos. Inicialmente, é necessário que todos os empregados (professores, coordenadores, diretores e funcionários) recebam um treinamento especializado para melhor conhecer o fenômeno do bullying e saber como agir diante de situações que envolvem sua ocorrência. Neste sentido, Cross et al. (2011) relatam que poucos professores têm a oportunidade de passar por um treinamento ministrado por profissionais, visto que o orçamento disponível para tais medidas é escasso. Por outro lado, estudos em escolas com verbas

específicas para o combate ao bullying têm relatado melhorias significativas. Pois, os professores adquirem maior consciência sobre seu papel na mediação do bullying e começam a lidar melhor com as situações dentro da escola.

Uma estratégia interessante utilizada por Perkins et al. (2011) foi a utilização de cartazes reforçando o bom comportamento na relação aluno-aluno e aluno-funcionário. Estes cartazes traziam informações do tipo: “Nesta escola, x% dos alunos não acham legal xingar o colega”, e apresentava fotos de amigos juntos e sorrindo. De acordo com os autores, a utilização deste recurso visual resultou na diminuição na ocorrência de maus-tratos e vitimização dentro da escola, além de aumentar significativamente o número de relatos a professores, coordenadores e diretores sobre atos de bullying em quatro das cinco escolas que participaram do estudo.

Por ser um fenômeno social grupal, os programas de intervenção preventiva do bullying devem não só perspectivar os atores diretamente envolvidos no processo (agressores, vítimas e agressores-vítimas), mas sim mobilizar o conjunto, visando promover novas dinâmicas institucionais no ambiente escolar (MARTINS, 2005). Tais dinâmicas devem partir da tomada de consciência do problema para que se desenvolvam novas normas que resultarão em intervenções curriculares inovadas e melhoria na formação dos professores, gerando novos quadros de mediação de conflitos (SERRATE, 2009). Tais programas de intervenção normalmente focam na sensibilização, supervisão, estabelecimento de regras disciplinares e prestação de apoio e proteção às vítimas (PEREIRA et al., 2011).

Além disso, a utilização de treinamentos para melhorar as habilidades sociais dos alunos também pode ser uma ferramenta importante para a diminuição de ocorrência de bullying no ambiente escolar. De acordo com Lösel e Beelman (2003), estes treinamentos envolvem o ensinamento de maneiras não agressivas de percepção social (aprender entender o “diferente”); autocontrole; controle da raiva; empatia com a vítima; resolução de problemas interpessoais, entre outros.

Em relação à educação física, especificamente, os conteúdos deveriam desenvolver não somente a capacidade motora dos alunos, mas também a capacidade de transformação pessoal, que é aspecto fundamental para uma melhor interação com o meio (SCHERIBER et al., 2005). Chaves (2006) ressalta que a realização de jogos cooperativos ao invés de competitivos, a elaboração de peças teatrais que envolvam

valores morais, éticos e estéticos visando a reflexão do grupo e a vivência dos alunos em inversões de papel, é essencial para o combate às agressões na escola. Principalmente na infância, jogos, brincadeiras e atividades lúdicas de interação social permitem o desenvolvimento da autonomia ao longo da vida. Porém, é importante se ter em mente que a escola não pode ser responsável por todos os problemas em seu entorno (PEREIRA et al., 2011).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam um novo caminho para a educação física escolar com base no princípio da inclusão. Essa visão permite que, ao interagirem com os adversários, os alunos possam exercer o respeito mútuo, buscando participar de forma leal e não violenta. Confrontar-se com o resultado de um jogo e com a presença de um árbitro permite a vivência e o desenvolvimento da capacidade de julgamento de justiça (e de injustiça). Principalmente nos jogos, em que é fundamental que se trabalhe em equipe, a solidariedade pode ser exercida e valorizada. Em relação à postura frente ao adversário, podem ser desenvolvidas atitudes de solidariedade e dignidade nos momentos em que, por exemplo, quem ganha é capaz de não provocar e não humilhar, e quem perde, pode reconhecer a vitória dos outros sem se sentir humilhado (BRASIL, 1997).

Por outro lado, ainda no contexto da educação física, o incentivo à competição pode abrir portas para a prática do bullying a partir de condutas violentas contra estudantes com “atuações” abaixo da média dos seus pares, resultando na diminuição da autoestima deles. A baixa autoestima de alunos, por sua vez, está intimamente ligada com a prática do bullying, tanto no papel de agressor como no de vítima. O agressor, por não se sentir tão apto como os outros em determinadas tarefas, pode passar a destratar-las para ganhar respeito. Já a vítima é excluída e sofre retaliações por não contribuir com o conjunto. Neste cenário, a importância do profissional de educação física, como mediador de conflitos, se faz necessário, visto que se as crianças percebem que o bullying é permitido e aceito dentro das atividades, elas internalizam estes padrões e são mais propensas a agir com este comportamento. Isto acarreta agressões cada vez mais intensas e violentas (GUERRA et al., 2011).

Conclusões

Após analisados os dados coletados em pesquisa feita com 140 alunos de turmas de 7ª e 8ª séries do ensino fundamental, pode-se concluir que, apesar de parecer satisfatório, o índice de 73% de ausência de bullying nas aulas de educação física, não se pode negligenciar o fato de que tal violência existe, e nesta escola expressa um percentual de aproximadamente 27% de adolescentes que ainda sofrem as consequências de uma violência pouco divulgada. Neste sentido, as aulas de educação física devem promover atividades que visem à integração dos alunos, evitando ressaltar as qualidades e defeitos que possam resultar em agressões a outros, sejam elas verbais ou físicas. Além disso, a escola pode tomar medidas de incentivo ao respeito às diferenças, utilizando pôsteres e cartazes que estimulam o comportamento harmônico entre os alunos e os demais participantes do ambiente escolar.

Bullying occurrence in physical education classes of a federal district school

Abstract

Bullying refers to the use of physical, intellectual or economic superiority to humiliate another person. This study aimed to investigate the existence and how bullying occurs in physical education classes in a Federal District School. For this, 140 students of the 7th and 8th grades of a school in the city of Guar - DF participated in the study. The students answered a questionnaire about the occurrence of abuse in physical education classes. Approximately 28.0% of the students have felt abused by a colleague. In this scenario, physical education classes can be used to promote activities that aim to integrate students, avoiding highlighting abilities and inabilities which can result in physical or verbal aggressions.

Keywords: Bullying. Physical Education. School Violence.

Ocurrencia de bullying em las clases de educación física em una escuela del distrito federal

Resumen

Bullying es el uso de la superioridad física, intelectual o financiera para humillar a otra persona. El objetivo de este estudio fue investigar si y en qué forma el bullying se produce en las clases de educación física en una escuela del Distrito Federal. Para esto, 140 estudiantes de 7 y 8 grado de una escuela de Guará-DF participaron en el estudio. Ellos respondieron un cuestionario acerca de la ocurrencia de malos tratos en las clases de educación física. 28,0% de los estudiantes se han sentido maltratados por sus compañeros. En este sentido, las clases de educación física se pueden utilizar para promover actividades encaminadas a la integración de los

alunos, evitando poner de relieve las cualidades y defectos que podrían resultar en ataques a los demás, ya sea verbal o física.

Palabras clave: Bullying. Educación Física en la Escuela. Violencia en la Escuela.

Referências

ALMEIDA, K. L.; CAVALCANTE E SILVA, A.; CAMPOS, J. S. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. **Revista de Pediatria** v.9, n.1, p.8-16, 2008.

ANALITIS, F.; VELDERMAN, M. K.; RAVENS-SIEBERER, U.; DETMAR, S.; ERHART, M.; HERDMAN, M.; et al. Being bullied: associated factors in children and adolescents 8 to 18 years old in 11 European countries. **Pediatric** v.123, p.569-577, 2009.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, v.20, n.1, p.33-41, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1997.

CAMPOS, H. R.; JORGE, S. D. C. Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. **Em aberto**, v.23, n.83, p107-128, 2010.

CARVALHOSA, S.; MATOS, M. Bullying entre pares: Os comportamentos de provocação nas escolas portuguesas. **Iberpsicología**, v.10, n.3, 2005.

CATINI, N. **Problematizando o “bullying” para a realidade brasileira**. Tese de Doutorado. Campinas: Puc-Campinas, 2004.

CEPEDA-CUERVO, E.; PACHECO-DURÁN, P. N.; GARCIA-BARCO, L., PIRAQUIVE-PEÑA, C. Acoso escolar a estudiantes de educación básica y media. **Rev Salud Publica** v.10 n.4, p.517-528, 2008.

CHAVES, W. M. **Fenômeno bullying e a educação física escolar**. In: X EnFEFE – Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. Niterói – RJ, 2006.

CRAIG, W.; HAREL-FIRSCH, Y.; FOGEL-GRINVALD, H.; DOS-TALER, S., HETLAND, J.; SIMONS-MORTON, B.; et al. A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. **Int J Public Health**, v.54(suppl2), p.216-224, 2009.

CROSS, D.; EPSTEIN, M.; LYDIA H.; SLEE P.; SHAW, T.; MONKS, H. National safe schools framework: policy and practice to reduce bullying in Australian schools. **International Journal of Behavioral Development**, v.35, n.5, p.398-404, 2011.

FANTE CAZ. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

GROSSI, P. K.; SANTOS, A. M. Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre – RS, Brazil. **Revista Portuguesa de Educação**, v.22, n.2, p.249-267, 2009.

GUERRA, N. G.; WILLIAMS, K. R.; SADEK, S. **Understanding bullying and victimization during childhood and adolescence**: a mixed methods study. *Child Development* in press, 2011.

GUIMARÃES, A. H. R. **O Orientador Educacional Frente ao Fenômeno Bullying**: Um Estudo Nas Escolas Particulares do Plano Piloto. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2008.

KELLEHER, I.; HARLEY, M.; LYNCH, F.; ARSENEAULT, L.; FITZPATRICK, C.; CANNON, M. Associations between childhood trauma, bullying and psychotic symptoms among a school-based adolescent sample. **The British Journal of Psychiatry**, v.193, p.378-382, 2008.

LAMB, J.; PEPLER, D. J.; CRAIG, W. Approach to bullying and victimization. **Can Fam Physician**, v.55, n.4, p.356-360, 2009.

LIMA, R. **“Bullying”**: uma violência psicológica não só contra crianças. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/043/43lima.htm>. Acessado em 05 de outubro de 2010.

L'OSEL, F.; BEELMANN, A. Effects of child skills training in preventing antisocial behavior: a systematic review of randomized evalu-

ations. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 587, p. 84-109, 2003.

LUND, R.; NIELSEN, K. K.; HANSEN, D. H.; KRIEGBAUM, M.; MOLBO, D.; DUE, P.; CHRISTENSEN, U. Exposure to bullying at school and depression in adulthood: a study of Danish men born in 1953. **European Journal of Public Health**, v.19, n.1, p.111-116, 2008.

MARTINS, M. Agressão e vitimização entre adolescentes. In: Contexto escolar: um estudo empírico. **Análise Psicológica**, v.4 n.XXXIII, p.401-425, 2005.

MUULA, A. S.; HERRING, P.; SIZIYA, S.; RUDATSIKIRA, E. Bullying victimization and physical fighting among Venezuelan adolescents in Barinas: results from the global school-based health survey 2003. **Italian Journal of Pediatrics**, v.35, p.38, 2009.

NETO, A. A. L. Bullying comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v.81, n.5, p.S164-172, 2005.

NOGUEIRA, R. M. C. D. P. A.; CHEDID, K. A. K. **Bullying Na Escola e Na Vida**. Disponível em: <http://www.pedagobrasil.com.br/pedagogia/bullyingnaescola.htm>. Acessado em 05 de outubro de 2010.

OLWEUS, D. **The Olweus Bully/Victim Questionnaire**. Mimeo. Bergen, Norway: University of Bergen. 1986.

OLWEUS, D. **Bullying at school: what we know and what we can do**. Oxford, England: Blackwell, 1993.

ORTEGA, R.; MORA-MERCHÁN, J. A.; SINGER, M.; SMITH, P. K.; PEREIRA, B.; MENESINI, E. **Final report of the working group on general survey questionnaires and nomination methods concerning bullying**. Sevilla, Junho de 2000. Disponível em: http://old.gold.ac.uk/tmr/reports/aim2_seville1.html. Acessado em 05 de outubro de 2010.

PALÁCIOS, M.; REGO, S. Bullying: mais uma epidemia invisível? **Revista Brasileira Educ. Med.** v.30, n.1, p.3-5, 2006.

PEREIRA, B.; COSTA, P.; MELIM, F.; FARENZENA, R. Bullying escolar: programas de intervenção preventiva. In GISI, M. L & ENS, R. T. (Eds.). **Bullying nas escolas: estratégias de intervenção e formação de professores**. 1ª Ed. Curitiba: Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2011.

PERKINS, H. W.; CRAIG, D. W.; PERKINS, J. M. **Using social norms to reduce bullying: a research intervention among adolescents in five middle schools**. *Group Processes & Intergroup Relations* p.1-20, 2011.

SCHERIBER, M. D.; SCOPEL, E. J.; ANDEADE, A. A abordagem holística no contexto da agressividade de crianças em educação física. **Lectura, Educación Física y Deportes**, v.86, 2005

SERRATE, R. **Lidar com o bullying na escola: guia para entender, prevenir e tratar o fenômeno da violência entre pares**. Madrid: K. Editora, 2009.

WAL, M. F. V; WIT, C. A. M.; HIRASING, R. A. Psychosocial Health Among Young Victims and Offenders of Direct and Indirect Bullying. **Pediatrics**, v.111, n.6, p.1312-1317, 2003.

.....
Recebido em: 02/12/2010
Revisado em: 07/04/2011
Aprovado em: 28/08/2011

Endereço para correspondência

campbellcsg@gmail.com
Carmen Sílvia Grubert Campbel
Universidade Católica de Brasília, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa.
QS 07, Lote 1, Bloco G, sala 119, Campus I
Águas Claras - Taguatinga
72966-700 - Brasília, DF - Brasil